



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Morar na rua e estar na rua. Estudo etnográfico na região central de Belo Horizonte

Autoria: Alan Tiago Gomes Araujo (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Nosso objetivo é discutir a percepção que os sujeitos que vivem nas ruas têm sobre o seu corpo e o seu significado social. Consideramos o corpo como produto e produtor de significados na rua, lugar de anonimato, de complexidade e diversidade social. As representações sobre o corpo são constituídas pelos simbolismos culturais considerando uma lógica coletiva e novas subjetividades em um movimento de exteriorização e de interiorização. As técnicas utilizadas nessa etnografia é a observação direta, registradas em diário de campo e entrevistas abertas temáticas e informais com pessoas que vivem nas ruas da região central de Belo Horizonte. Foram observados os rituais e cotidiano; as interações que as pessoas estabelecem no contexto social da rua, seja entre o próprio grupo, ou com aqueles que compõem o seu entorno, como por exemplo, os comerciantes locais, transeuntes, etc. Foram realizadas entrevistas com atores dessa pesquisa, selecionados de acordo com os critérios definidos na construção do projeto original. As pessoas que vivem nos espaços delimitados para essa pesquisa constroem as representações sobre o seu próprio corpo e o corpo dos outros? com base na performance desenhada socialmente sobre sujeitos que não possuem endereço fixo, com laços sociais, familiares e de work frágeis ou inexistentes, expostos às mazelas provocadas pela rua como falta de ambientes para a higiene pessoal, para lavar as próprias roupas ou para fazer as suas necessidades fisiológicas. Consideram o corpo o seu único patrimônio portanto ele é , fundamental para a subsistência, proteção e interação social, ao mesmo tempo, representa o elemento de resistência, de risco e de vulnerabilidade no ambiente em que estão inseridos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: